

EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA NO BRASIL: CAMINHOS, POLÍTICAS E PERSPECTIVAS

CDD: 371.39445

*Klaus Schlünzen Junior***RESUMO**

O artigo descreve os caminhos da Educação a Distância (EaD) no Brasil, em um cenário no qual esta modalidade de educação apresenta-se como uma alternativa para atender as necessidades de formação profissional em um país com grandes dimensões geográficas e sérias desigualdades regionais. Para tanto, serão apresentadas as políticas para uma EaD de qualidade, com o uso das tecnologias e a indicação de ações governamentais e institucionais que visam promover e garantir referenciais norteadores para esta modalidade educacional. Os desafios dentro de uma prática social para a EaD e os aspectos ideológicos e políticos são discutidos e contrapostos com algumas experiências já vivenciadas de EaD em iniciativas públicas brasileiras e na Universidade Estadual Paulista (Unesp). Diante das perspectivas apresentadas, as conclusões finais mostram que a EaD é uma modalidade educacional capaz de oferecer soluções para os problemas brasileiros desde que considerado o uso de uma abordagem que garanta a interação, o diálogo e a colaboração entre professores e alunos, o que são elementos que condicionam a natureza da aprendizagem e a construção do conhecimento.

PALAVRAS-CHAVE

Educação a distância; Políticas em educação a distância; Experiências de EaD

DISTANCE EDUCATION IN BRAZIL: PATHS, POLICIES AND PERSPECTIVES**ABSTRACT**

The article describes the Distance Education (EAD) ways, in Brazil, as an alternative form of education in a huge and unequal country, where Education problems have to be solved. The EaD policies will be submitted to a high quality work, using technology and, at the same time, indicating institutional and governmental actions to promote and ensure this modality of education. The challenges within a social practice to an EaD and the ideological and political aspects are discussed and opposed with some groups, in Brazil, particularly and emphatically in São Paulo State University (Unesp). Afterwards we can conclude that with EaD it is possible to find out solutions to many of our country problems using the dialogue, promoting the interaction and collaboration among teachers and students, who are the ones that will improve the knowledge and learning.

KEYWORDS*Distance education; Policy in distance education; Experiences of distance education*

1. CAMINHOS DA EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA NO BRASIL

No Brasil identifica-se como um dos marcos desta modalidade de educação o início das atividades do Instituto Universal Brasileiro, em 1941. Assim, durante boa parte do século XX, as atividades de Educação a Distância (EaD) estiveram concentradas em distribuição de material impresso, via correio.

Com os anos, outros projetos foram desenvolvidos, principalmente com o uso do rádio, dentre os quais destaca-se o projeto Minerva, Ipê, Saci, entre outros (BELLONI, 2003). A TV também passou a ter sua importância, principalmente com os telecursos, programas transmitidos em TV aberta para os mais diversos públicos.

Um importante acontecimento para a EaD no Brasil foi a criação da Secretaria de Educação a Distância (SEED) do Ministério da Educação (MEC) em 1996. As ações e projetos desta Secretaria têm marcado o uso intensivo das tecnologias para a Educação nos últimos anos, com especial atenção a formação de professores e ao movimento de introdução da educação a distância como modalidade educacional alternativa para o país.

Por conseguinte, os avanços tecnológicos dos últimos anos deram a EaD uma nova perspectiva e alavancaram novas ações, principalmente na questão da formação de professores, partindo-se do pressuposto de que com o uso das tecnologias é possível oferecer formação docente em regiões menos favorecidas e mais necessitadas.

Com esses avanços, na EaD o processo de ensino e de aprendizagem passou a ser mediado por tecnologias digitais, onde alunos e professores encontram-se separados espacial e/ou temporalmente. O fator espaço e tempo são determinantes, pois os sujeitos participantes desta modalidade de educação não compartilham do mesmo espaço e, não necessariamente, do mesmo tempo. A questão tempo caracteriza o que nesta modalidade denomina-se de atividades síncronas ou assíncronas e que são definidas e realizadas de acordo com a proposta pedagógica do curso.

Encontra-se na literatura definições de modalidades ou abordagens de EaD. Neste artigo são consideradas àquelas definidas por Prado & Valente (2002): Broadcast, Virtualização da Sala de Aula e Estar Junto Virtual. Entretanto, cada uma delas apresenta

características distintas e que implicam em significativos reflexos no processo de ensino e aprendizagem em atividades educacionais a distância.

A primeira delas, o Broadcast, caracteriza-se basicamente na entrega da informação ao aluno. Neste caso, com os avanços tecnológicos, o modelo de correspondência, via correio, adotado em iniciativas já citadas, pode usar a tecnologia digital para o fornecimento das informações ao aluno. O próprio termo Broadcast, que vem da área de radiodifusão e comunicação, identifica um processo de entrega.

Destaca-se, neste caso, a pouca ou nenhuma interação entre alunos e professores, o que empobrece sobremaneira o uso da tecnologia e a criação de ambientes de aprendizagem interativos. No entanto, ainda boa parte das iniciativas de EaD estão pautadas em uma abordagem Broadcast, o que suscita polêmica e motivos para severas críticas por aqueles que se posicionam contra esta modalidade.

A segunda abordagem é a virtualização da sala de aula, na qual a idéia de espaço e tempo concomitante da educação presencial é transportada ou migrada para uma relação professor/aluno mediada por tecnologias, com o uso de videoconferência e teleconferência em empresas e instituições de ensino. Nesta abordagem, a interação entre professor e aluno é fundamentalmente mediada pela tecnologia, prevalecendo um caráter fortemente unidirecional, muitas vezes limitada pedagógica e tecnologicamente e não proporcionando trocas entre estes atores. Neste caso a interação pode ocorrer com o professor apresentando os conceitos e os alunos enviando-lhe perguntas por meio dos recursos da tecnologia, que possibilita uma eventual resposta pelo docente. Nesta abordagem a sua principal característica é que o modelo de sala de aula presencial, como se conhece, é muito forte, com a desvantagem da falta de contato direto e imediato entre os professores e alunos.

O Estar Junto Virtual representa a terceira abordagem de EaD e está fundamentada fortemente na exploração das propriedades interativas da tecnologia, promovendo o estabelecimento de uma rede no qual professores e alunos participam ativamente. A comunicação passa a ser multidirecional e é explorada intensamente, pois a participação coletiva, a colaboração e a troca de informações e experiências são caracterizadas pelo forte uso das tecnologias, que abrangem a utilização de muitos recursos como: videoconferência e teleconferência, Internet e ambientes virtuais de aprendizagem, TV, material impresso, software educacionais para *web*, entre outras mídias digitais.

Assim, o cenário tecnológico atual permite explorar recursos de comunicação e interação que dão a EaD uma forte representatividade como alternativa de formação profissional. A rede mundial Internet veio trazer, além de benefícios e alguns outros problemas que não caberiam aqui ser discutidos, uma nova perspectiva para a EaD, primeiramente por suas oportunidades de interação e, em segundo, por sua disseminação em vários contextos: instituições de ensino, empresas, lares, entre outros.

Além disso, alavancou-se o desenvolvimento de ferramentas para a criação de ambientes virtuais de aprendizagem ou ainda denominadas plataformas de EaD. Estas ferramentas caracterizam-se por, primeiramente, organizar a informação e as atividades a serem desenvolvidas pelos alunos e professores. Em segundo lugar, por oferecer recursos de comunicação e interação entre os participantes. Como exemplos de ambientes virtuais de aprendizagem, podemos citar: TelEduc, Moodle, E-ProInfo, Tidia-AE, entre tantos outros.

Todos estes ambientes virtuais de aprendizagem possuem, além das características já citadas, recursos como: fóruns de discussão (atividade assíncrona), correio (atividade assíncrona), ferramentas de bate-papo (atividade síncrona), locais próprios para publicação de materiais tanto dos professores, quanto dos alunos, avisos e comunicados, entre outros. A utilização de cada um desses recursos deve priorizar a potencialidade interativa das tecnologias para a criação de ambientes de aprendizagem nos quais alunos e professores possam estabelecer um processo de comunicação e de trocas para a construção de conhecimento. Além disso, estabelecem o registro de todo o processo de interação, de troca e de construção das produções dos alunos, o que viabiliza um processo avaliativo formativo.

Mais recentemente, a futura oferta de TV-Digital, que implementa características interativas a TV, poderá significar uma nova perspectiva de uso das tecnologias na formação profissional.

Ao conhecer e entender esse cenário tecnológico e as suas possibilidades, bem como, as abordagens e características das modalidades de EaD, é necessário compreender a implantação das mudanças no papel de professores e alunos diante da abordagem que permite explorar todas as potencialidades das tecnologias.

Neste sentido, professores e alunos assumem diante disso, papéis importantes e que definem suas ações nesta modalidade de educação. Para os professores, evidentemente além de conhecedores de conteúdo, a importância da mediação pedagógica, a função de propor atividades que envolvam os alunos em um processo reflexivo que possibilita um trabalho colaborativo e investigativo. Além de fornecer múltiplas fontes de informação, de mediar um processo de aprendizagem que privilegie a construção do conhecimento do aluno e uma avaliação formativa, de oportunizar e explorar os diferentes contextos e experiências dos aprendizes, de estar atento a participação do aluno nos ambientes virtuais e de saber acolhe-lo, entendendo que o aluno a distância encontra-se, evidentemente, distante, muitas vezes "solitário", com dificuldades.

Para o aluno cabe o papel de participante ativo nos ambientes de aprendizagem, de um pesquisador autônomo e ao mesmo tempo dentro de um contexto de coletividade, explorador de todas as potencialidades de comunicação e interação das tecnologias, sendo estimulado a buscar em diversas fontes de informação, em estabelecer conexões para a constituição de uma rede para a realização de trabalhos colaborativos.

Um processo educacional que se caracteriza pelo exposto acima, define condições essenciais para uma Educação a Distância que se entende de qualidade, que privilegia a interação entre todos os sujeitos envolvidos e também ao processo de construção do conhecimento do aluno mediante atividades que contemplem contexto e significado. Entretanto, esta visão de possibilidades com a EaD não é compartilhada por todos, caracterizando um cenário dicotômico entre aqueles que acreditam nesta modalidade e outros que a desqualificam como alternativa educacional. As razões para esta complexa situação têm seus fundamentos em crenças, ideologias e culturas enraizadas por um modelo de educação que não mais atende as expectativas atuais do educando. Por outro lado, observa-se uma crescente corrente política, em instâncias estaduais e federais, que encontra na EaD uma opção para atender às fortes demandas formativas. Este artigo tem como objetivo demonstrar que a EaD pode ser uma alternativa importante para a formação profissional, com destaque para algumas iniciativas desenvolvidas pela Universidade Estadual Paulista – Unesp e que superam os aspectos ideológicos e políticos, fortemente direcionados para desqualificá-la. Não obstante, exige um compromisso redobrado de seus responsáveis com os aspectos metodológicos, de interação entre todos os sujeitos envolvidos e com a qualidade do material

pedagógico empregado e dos recursos tecnológicos utilizados, aspectos fundamentais para uma EaD de qualidade.

2. POLÍTICAS PARA UMA EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA DE QUALIDADE

Diante do breve panorama descrito acima, diversos projetos de formação profissional em empresas e instituições de ensino podem ser observados e estudados. Nas empresas, muito mais caracterizados por processos de aprimoramento profissional e de capacitação específica em novos programas, tecnologias e procedimentos. Nas instituições de ensino superior, a formação profissional inicial, continuada e em serviço, como atividades de extensão universitária, cursos de graduação e de pós-graduação.

No entanto, a EaD passou a ter um destaque maior quando verificou-se as necessidades de mudança em âmbito nacional por meio de políticas públicas, principalmente para a formação de professores. O Brasil, com suas características continentais, desigualdades regionais e com suas significativas carências educacionais, encontrou na EaD uma alternativa importante para a implementação de programas de formação, principalmente para a qualificação de professores já atuantes na rede de ensino e sem formação. Neste sentido, os programas que foram e que estão em desenvolvimento pela Secretaria de Educação a Distância (SEED) do Ministério da Educação¹ são alguns exemplos.

Todos estes programas representam importantes ações governamentais para o uso da EaD no processo de formação profissional de maneira geral e para a formação inicial, em serviço e continuada de professores nos programas específicos para tal finalidade.

A implementação desses programas, atualmente, ainda implica na superação de uma série de preconceitos e barreiras políticas, ideológicas, culturais e tecnológicas, muitas herdadas da compreensão e do entendimento da EaD sob a concepção de uma educação de “massa”, aligeirada, de baixa qualidade e pobre em avaliação.

Primeiramente, a EaD com a qual se objetiva um processo educacional de qualidade não se caracteriza como uma modalidade de educação de massa, mas sim, como uma alternativa importante para levar meios de acesso a educação que, no Brasil, representa melhores oportunidades e o desenvolvimento regional em áreas carentes, distantes de grandes

¹ Os programas do MEC podem ser encontrados em: <http://www.mec.gov.br/>.

centros geradores de conhecimento e de instituições de ensino. Vale destacar que, para as características desejáveis para a EaD, que estimulam a interação e com o intuito de garantir um trabalho de qualidade, as experiências desenvolvidas pela Unesp nesta modalidade indicam a necessidade de um número acentuado de professores e tutores presenciais e a distância para o acompanhamento didático-pedagógico de todas as atividades no decorrer dos cursos. Tal fator implica em um número elevado de profissionais da educação em qualquer iniciativa de EaD. Além disso, é necessária e fundamental a adequação dos materiais pedagógicos e tecnológicos, exigindo metodologias adaptadas ao contexto de EaD. Para tanto, é de fundamental importância a composição de equipes multidisciplinares de pedagogos e profissionais da educação com experiência em EaD. Estes profissionais são necessários para o suporte e desenvolvimento em tecnologia, como *designers* para ambientes digitais, roteiristas, profissionais da área de TV, ilustradores, redatores, entre tantos outros. A composição destas equipes de profissionais tornam, portanto, a EaD uma modalidade educacional cara, o que requer certamente recursos públicos para sua implantação.

Com este intuito, as iniciativas do Ministério da Educação (MEC), por exemplo, procuram balizar-se em critérios de qualidade para a EaD, em referenciais que buscam estabelecer, em parceria com instituições de ensino, ações de qualidade na formação profissional (NEVES, 2003). Estes referenciais englobam o atendimento as diretrizes curriculares de cada curso e a duração equivalente; o estabelecimento de ambientes virtuais e presenciais (principalmente de laboratórios) para a capacitação profissional; a constituição de processos seletivos bem definidos; a definição do sistema de avaliação da aprendizagem que, pela legislação, obriga ao aluno a sua presencialidade para cursos de graduação e pós-graduação, no entanto, não na sua exclusividade como parte integrante do processo de avaliação; ao fornecimento de todas as informações ao aluno e do estabelecimento de requisito mínimos para participação nos cursos; entre outras preocupações que são consideradas quando da elaboração e avaliação dos projetos, como: a constituição de equipes de professores, tutores, especialistas de conteúdo e especialistas que integrarão o conteúdo com as diversas mídias digitais disponíveis.

O Decreto Presidencial no. 5.622, de 19 de dezembro de 2005, apresentou uma nova regulamentação para o artigo 80 da Lei no. 9.394 (LEI DE DIRETRIZES E BASES DA EDUCAÇÃO NACIONAL – LDB/1996), incentivando o desenvolvimento de programas de EaD em todos o níveis e modalidades de ensino e de educação continuada e definindo os

critérios para seu credenciamento. Foi a partir deste Decreto que se observou um crescente número de ações governamentais no sentido de incentivar a EaD como modalidade educacional, como parte de uma política pública. Neste sentido, pode-se citar como exemplos: o programa Pró-Licenciatura do Ministério da Educação², cuja finalidade é a oferta de vagas para cursos de licenciatura, na modalidade a distância, nas áreas de maior carência de professores para a educação básica por meio de assistência financeira a Instituições de Ensino Superior públicas, comunitárias e confessionais; a consolidação e ampliação de consórcios institucionais para oferecimento de cursos a distância, como o Centro de Educação a Distância do Estado do Rio de Janeiro (CEDERJ); a criação do Sistema Universidade Aberta do Brasil (UAB)³ por parte do Governo Federal e a criação no âmbito do Estado de São Paulo do sistema Universidade Virtual do Estado de São Paulo (UNIVESP)⁴.

Das iniciativas acima citadas, o Sistema UAB é a mais destacada por sua abrangência e cuja proposta está em pleno andamento. Tem por objetivo não propor a criação de uma nova instituição de ensino superior, mas sim, a articulação das instituições públicas já existentes, possibilitando levar ensino superior público de qualidade aos municípios brasileiros que não possuem cursos de formação superior ou cujos cursos ofertados não são suficientes para atender a todos os cidadãos⁵. Este programa tem atualmente uma forte atuação em atividades de formação a distância de professores, com 555⁶ pólos de atendimento presencial distribuídos no país.

Entretanto, apesar de observar-se um crescimento intenso da modalidade de EaD, conforme dados publicados no Anuário Brasileiro Estatístico de Educação Aberta e a Distância da Associação Brasileira de Educação a Distância (ABED)⁷, do mesmo modo constata-se um movimento radicalmente contra e crítico ao caracterizar a EaD como uma modalidade educacional de baixa qualidade, com um processo de ensino e aprendizagem

² Documento disponível no portal do MEC: http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/pro_licenciatura.pdf, acesso em 15/12/2008.

³ Dados disponíveis no Portal da UAB: <http://uab.capes.gov.br/index.php>, acesso em 15/12/2008.

⁴ De acordo com dados disponibilizados no site da Secretaria de Ensino Superior: <http://www.ensinosuperior.sp.gov.br/portal.php/univesp>, acesso em 15/12/2008.

⁵ Informações do Portal da UAB: <http://uab.capes.gov.br/index.php>, acesso em 15/12/2008. A estratégia usada é a comprovação por parte dos municípios por demanda de cursos e o oferecimento de infraestrutura de pólos presenciais. As Instituições de Ensino Superior, por sua vez, apresentam projetos para oferecimento de cursos que atenderão a esta demanda.

⁶ Dados do MEC disponíveis no site www.mec.gov.br

⁷ Disponível em www.abraead.com.br

comprometido e fraco, com sistemas de avaliação pobres e que não são suficientes para avaliar a aprendizagem do aluno e a contribuição da instituição para o público envolvido.

Outra crítica apresentada é a de que o termo “Educação a Distância” é mau empregado, quando muito poderia ser usada a expressão “Ensino a Distância”. Por exemplo, para Fétizon & Minto (2007) a distância não há educação. A explicação para esta afirmação é pautada no entendimento de que educação é mais abrangente do que ensino. A educação é um processo social, que representa o instrumental de que as pessoas dispõem para construir-se como seres humanos. Por outro lado, o ensino é apenas um meio essencial para se chegar à educação (FÉTIZON; MINTO, 2007).

Evidentemente que motivos existem para este julgamento, muitos provenientes das iniciativas de instituições de ensino superior que utilizam essa modalidade como uma maneira de obter benefícios financeiros, sem preocupação com os aspectos que caracterizam uma educação de qualidade, já elencados neste artigo. Outros por iniciativas que entendem a EaD como uma mera transposição do presencial para o virtual, constituindo a EaD como um modelo meramente transmissor de informações.

Por sua vez, pesquisas nesta modalidade de educação (VALENTE; ALMEIDA, 2007; SCHLÜNZEN; SCHLÜNZEN JUNIOR; TERÇARIOL, 2006; SILVA, 2003) têm mostrado que a EaD, além de diminuir os problemas da distância geográfica aos centros de conhecimento, pode também proporcionar uma formação de qualidade e pautada na prática social e no contexto do aprendiz. Aqui reforça-se o uso da expressão “Educação a Distância”, uma vez que iniciativas já desenvolvidas no Brasil sob responsabilidade do poder público indicam mudanças significativas nas comunidades participantes, implicando em reflexos e mudanças nas políticas educacionais públicas nos locais beneficiados e no indivíduo que é aluno em cursos dessa modalidade. Neste caso, destaca-se o convênio estabelecido entre a Unesp e a Secretaria de Educação Especial do Ministério da Educação (SEESP/MEC) do Brasil⁸ para a formação em serviço de professores de escolas públicas com vistas a construção de uma escola inclusiva e que, de acordo com os resultados preliminarmente analisados, trouxe relevantes benefícios para a capacitação docente, para a inclusão de pessoas com algum tipo de necessidade especial, bem como outras contribuições que se estenderam para as famílias dos alunos.

⁸ Edital no. 06/2007 da Secretaria de Educação Especial (SEESP/MEC).

Além disso, é possível encontrar ações do Governo Federal, por meio da Secretaria de Educação a Distância (SEED), para subsidiar e fortalecer a EaD como alternativa educacional. Neste caso, encontra-se o projeto "Banco Internacional de Objetos Educacionais (BIOE)"⁹, o projeto "Mídias na Educação", o projeto "Um Computador por Aluno (UCA)", o projeto "Portal do Professor", a TV-Escola, entre outros. Cada um deles possui suas particularidades, no entanto, oferecem um suporte substancial para as iniciativas de EaD. Por exemplo, o projeto BIOE, com a construção de um repositório de objetos educacionais digitais que, em termos gerais, é todo material educacional digital avaliado por equipes de Universidades Públicas Brasileiras e desenvolvido para a *Web*; o projeto "Mídias na Educação", com um material instrucional riquíssimo para a formação de professores que, juntamente com a TV- Escola, compõem um importante acervo de conteúdos para a educação. Por fim, o projeto UCA, que pretende distribuir e fazer uso pedagógico de laptops com alunos de escolas públicas. Este projeto, considerado por muitos como utópico, por si só já traz potencialmente um caráter de mudança para os ambientes de aprendizagem e com o forte viés de promover a inclusão digital. Esta inclusão ocorrerá não apenas na escola, mas também na oportunidade desse aluno, juntamente com sua família, de ter acesso a diversas fontes de informação, de trocas e, principalmente, de educação a distância, uma vez que os pais, por exemplo, poderão usar o equipamento que terá conexão a Internet e, portanto, viabilizando o acesso a iniciativas de EaD.

Os avanços nas tecnologias de comunicação móvel representam também uma forte opção para sua utilização em ambientes educacionais, considerando o acesso a rede internet, aos repositórios educacionais e as ferramentas de trabalho colaborativo. Neste caso o cenário que se vislumbra é talvez mais real e inclusivo do que a própria proposta da TV-digital.

Porém, apesar de tantas oportunidades tecnológicas e metodológicas, ainda constata-se um cenário de formação tradicional, entendido como a utilização de estratégias e recursos que há muito tempo já são empregados (popularmente, giz e quadro negro) (Valente, 1999) e que não exploram as tecnologias, muito menos, o desenvolvimento de características nos alunos como: criatividade, inovação, colaboração, comunicação, autonomia, entre outras. É importante destacar aqui que não se pretende atribuir ao uso das tecnologias o conceito de avanço e de solução para os problemas educacionais. É fato que várias instituições de ensino

⁹ <http://objetoseducacionais2.mec.gov.br>

que utilizam as tecnologias em ambientes de aprendizagem não conseguem resultados que indiquem melhorias no processo de ensino e aprendizagem, uma vez que muda-se a tecnologia, mas nada é alterado em termos de metodologia. É difícil nesta situação enxergar como criar ambientes de aprendizagem que priorizem a construção do conhecimento e a exploração do que as tecnologias podem nos oferecer, ainda mais considerando a EaD como alternativa. Portanto, cabe destacar aqui que esta situação não é uma particularidade da EaD, embora muitas críticas a ela atribuída nela se pautem.

Assim, como uma possibilidade para reverter este quadro, é urgente pensar em mudanças na formação inicial, principalmente de professores, para que elas possam criar um efeito cascata, com repercussão em todos os níveis de ensino. Não há como se ter significativas transformações se não se entender que as tecnologias são catalisadoras de mudanças que englobam: as práticas pedagógicas, o currículo, a avaliação, o papel de professores e alunos, e o uso propriamente das tecnologias (SCHLÜNZEN, 2000).

Entretanto, essa visão da EaD não é compartilhada por todos. É constatada uma opinião polarizada entre os céticos e aqueles que acreditam que esta modalidade pode ajudar a resolver os problemas educacionais do país, cujas considerações cabem ser feitas com bastante cuidado e substanciadas em experiências vivenciadas em diversos programas e projetos de EaD, principalmente em projetos de formação inicial, continuada e em serviço de professores, com destaque para a proposta que a Unesp tem para atender a esta demanda.

3. EXPERIÊNCIAS VIVENCIADAS EM INICIATIVAS PÚBLICAS DE EAD

Em Valente & Almeida (2007) encontra-se um exemplo bem avaliado e analisado de um programa de formação de professores a distância em serviço cujos resultados trouxeram importantes contribuições para o uso das tecnologias em ambientes de aprendizagem em escolas públicas. A experiência demonstra a capacidade formativa da educação a distância, além de superar desafios de uso das tecnologias na Educação. Estabelece uma forte integração entre teoria e prática, a interação pedagogia e tecnologia e o uso de recursos de EaD com o intuito de formar professores e gestores de escolas públicas por meio do desenvolvimento de projetos para integrar os programas e mídias educacionais. Cabe destacar que em Valente & Almeida (2007), o curso de aperfeiçoamento a distância analisado teve como um dos principais resultados a criação de uma rede formada por educadores,

gestores e especialistas que atuam em colaboração em novas ações formativas no estado de Goiás ou na busca de soluções para resolver problemas do contexto de trabalho docente.

Para ilustrar uma outra experiência institucional em educação superior, nos últimos anos a Pró-Reitoria de Graduação (PROGRAD) da Universidade Estadual Paulista (Unesp) desenvolve também um projeto de formação contínua de seus docentes, denominado “Oficinas Pedagógicas” (PINHO et al, 2008), sendo uma de suas finalidades propiciar subsídios teóricos e práticos sobre o processo de ensino e aprendizagem a distância aos docentes da Universidade, pensando na importância da formação dos seus professores.

Por conseguinte, para a instituição de ensino torna-se muitas vezes difícil realizar algo de significativo no caso específico da EaD para a formação continuada de docentes, sem a existência de uma estrutura de suporte para a produção de multimeios para a Educação e Difusão Científica que conte com pessoal qualificado em Educação e Comunicação, articulada a instrumentos técnicos de boa qualidade. Como se sabe, vídeos, filmes educativos, programas de computador e demais produtos culturais e multimidiáticos exigem pessoal qualificado e tecnologias que, articulados num projeto socialmente relevante, permitam a construção de material pedagógico de qualidade.

Sem investimentos na organização e funcionamento dessa estrutura de suporte, corre-se o risco de privatizar o público, “terceirizando” as produções, fortalecendo ainda mais as empresas que já são fortes, sem criar nas instituições de ensino um espaço para a pesquisa e a produção de materiais educativos tão importantes para o ensino e a formação continuada de professores e trabalhadores, fortalecendo o ensino, a pesquisa e a extensão, pilares da Universidade.

Para as instituições de ensino disporem de uma estrutura de comunicação educativa que utiliza as redes de informática articuladas aos recursos do rádio e televisão, significa transformar-se em centro gerador de idéias, desenvolvedor de linguagens e de recursos para as mídias emergentes. Ao mesmo tempo, atuar como receptora, produtora, processadora e difusora de mensagens entre as unidades de ensino e pesquisa (pólos de EaD) e para outras instituições. Assim, oferecer estas informações para toda a sociedade pelos diferentes meios de comunicação, contribuindo para a geração de novos conhecimentos, para melhorias na sociedade e na busca para solução de seus problemas.

Em uma outra situação recente, ainda em fase final de avaliação e conclusão, a Unesp desenvolveu um programa em parceria com a Secretaria de Educação Especial (SEESP), por meio do sistema UAB, pelo qual ofereceu formação continuada a distância para professores de todas as regiões brasileiras com o intuito de capacitá-los para o uso de tecnologias assistivas para a construção de uma escola inclusiva. Os resultados obtidos indicam importantes contribuições para a formação de professores, para mudanças em políticas públicas locais e regionais, no processo de inclusão de pessoas deficientes que direta ou indiretamente foram beneficiadas por meio dessa experiência. Além disso, está gerando um número expressivo de pesquisas associadas a programas de pós-graduação, o que caracteriza o potencial da EaD para o desenvolvimento de investigações que consideram o contexto e os problemas da educação brasileira.

Por outro lado, todo este trabalho em EaD pode ter fortes repercussões na melhoria do ensino presencial, que determinam impactos inesperados dos bons cursos de EaD nos cursos regulares presenciais, conforme pode ser constatado em Moran (2008). É inegável que os materiais produzidos e as metodologias adotadas em cursos a distância podem ser adotadas em cursos presenciais, contribuindo significativamente para a melhoria do ensino presencial. Ao encontro desse cenário, o MEC de acordo com as suas Portarias nº 2.253 e 4.059 permite que 20% da carga horária dos cursos de graduação possam ser desenvolvidas a distância, o que possibilita uma alternativa importante para a graduação, onde se verifica que muitas instituições colocam uma parte das disciplinas de cursos presenciais com a opção de ser oferecida a distância.

Após estas vivências e de acordo com estudos realizados por Alonso (2005), conclui-se que a gestão em EaD é também uma ação determinante em programas educacionais nesta modalidade. Boas iniciativas podem resultar em fracasso se não houver uma preocupação adequada com a gestão do processo. E isso é ainda mais forte no caso de implantação de sistemas de educação a distância. Sabe-se que os bons sistemas são constituídos por vários itens que devem trabalhar de maneira integrada. Dessa maneira, com a preocupação com os resultados na implantação de cursos na modalidade a distância, é necessária a constituição de núcleos de suporte a educação a distância nas instituições e formação de recursos humanos. Todas essas ações demandam recursos financeiros expressivos e investimentos em capacitação de recursos humanos o que reforça a tese de que

fazer educação a distância de qualidade não é uma tarefa de baixo custo e requer políticas bem definidas.

A Unesp nos últimos anos procurou inserir esta nova modalidade de educação de forma cuidadosa e, assim, instituiu uma regulamentação¹⁰ própria para ações efetivas dentro de critérios de qualidade estabelecidos e aprovados por seus órgãos colegiados.

Além da política institucional, a Unesp realiza a formação dos educadores para EaD, iniciativas das suas Pró-Reitorias de Extensão e de Graduação. Este investimento é de extrema importância, uma vez que a maioria dos cursos ofertados nesta modalidade usa os mesmos métodos e técnicas da sala de aula presencial, virtualizando-a em um ambiente à distância. Como já citado, nos últimos anos a PROGRAD desenvolve um projeto de formação contínua de docentes da Unesp (Oficinas Pedagógicas) que oferece subsídios teóricos e práticos sobre o processo de ensino e aprendizagem à distância.

Vale ressaltar que o processo de formação profissional na Unesp, nas mais diversas áreas do conhecimento, sempre foi presencial, desde a sua origem, com algumas exceções, como o curso Pedagogia Cidadã (PALMA, 2007). A EaD na Unesp, devido a sua presença em 23 cidades no Estado de São Paulo, oferece alternativas para ultrapassar as dimensões geográficas, possibilitando que cidadãos de diferentes regiões tenham acesso a uma boa formação, com a construção de uma Universidade aberta, democrática e de qualidade.

As propostas de cursos à distância da UNESP, de acordo com as orientações dispostas por regulamentação interna, procuram basear-se em uma abordagem interativa-reflexiva, uma vez que promovem múltiplas interações no sentido de acompanhar e assessorar constantemente o aluno para poder entender o que ele faz e, assim, propor desafios que o auxiliem a atribuir significados ao que está desenvolvendo, possibilitando que a distância não seja uma barreira para uma formação adequada.

A EaD segundo esse enfoque, pretende criar redes de aprendizagem nas quais cada nó (aprendiz ou formador), contribua com o enriquecimento do grupo, com suas experiências

¹⁰ Resolução UNESP nº 74/2006, que fixa as diretrizes para o oferecimento de cursos de graduação, pós-graduação, especialização, temáticos, atualização e de extensão universitária, na modalidade à distância e Portaria Unesp nº 105/2007, que dispõe sobre orientações para a elaboração de propostas de cursos a distância na UNESP. Toda a regulamentação Unesp encontra-se disponível em www.unesp.br/need.

e conhecimentos. As interações nesta rede ocorrem por meio do ambiente de aprendizagem à distância e de outros meios de interação (vídeo e tele conferências, TV, encontros presenciais).

Além disso, a EaD nessa abordagem favorece uma formação mais consciente, uma vez que pode propiciar aos cursistas uma reflexão durante sua prática (reflexão na ação). Por meio das ferramentas disponíveis nos ambientes de aprendizagem à distância, eles podem relatar os efeitos de sua ação (reflexão sobre a ação) e receber os comentários de seus formadores e colegas cursistas, além de buscar um referencial teórico para subsidiar sua próxima ação (reflexão sobre a reflexão na ação).

Para que esta formação reflexiva realmente aconteça, o formador deve provocar diálogos entre os alunos, bem como buscar novos referenciais teóricos que possam subsidiar a sua prática profissional de acordo com a necessidade e o contexto.

Nesse sentido, no planejamento de iniciativas de Educação à Distância, a principal finalidade é formar profissionais oportunizando subsídios teóricos e práticos necessários para que atuem em uma sociedade do conhecimento e globalizada. A formação terá sempre que possível como eixo a atuação profissional dos alunos, visando a realização de atividades presenciais e a distância de modo a prepará-los para a inserção no mundo do trabalho. Para subsidiar todo esse processo, a Unesp aprovou recentemente uma proposta de gestão administrativa, consolidada por meio de um Núcleo de Educação a Distância (NeaD).

O NEaD da Unesp é responsável pelas ações executivas na organização da estrutura acadêmico-administrativa da Unesp enquanto responsável por cursos de EaD. A organização administrativa do Núcleo é composta de grupos que coordenam a definição de formatos, metodologias, estruturas e a formação dos profissionais da instituição. Cada grupo tem um coordenador que, reunidos, constituem o Grupo Administrativo presidido pelo Coordenador Geral do Núcleo. Estes grupos estão definidos da seguinte forma:

- 1) Grupo de Gestão e Certificação Acadêmica
- 2) Grupo de Conteúdo Pedagógico e Metodologia
- 3) Grupo de Produção, Veiculação e Gestão de Material: Plataforma, TV, impresso, outras mídias.

- 4) Grupo de Tecnologia e Infra-estrutura: Plataforma, TV, redes.
- 5) Grupo de Capacitação Docente e Técnica
- 6) Grupo de Logística

As iniciativas tomadas pela Unesp apresentadas neste artigo têm a finalidade de organizar uma política e uma organização para suas ações de EaD, oferecendo subsídios que possibilitem a sua atuação com qualidade nesta modalidade de Educação. Elas abrangem indicadores de qualidade para a organização, administração, implementação de cursos de extensão, graduação e pós-graduação nos diversos campi da Unesp, bem como, a sugestão de uma proposta de organização administrativa, com equipes pedagógicas, tecnológicas, de produção, de capacitação, de logística e de gestão.

Todo a estrutura organizacional apresentada neste artigo leva em consideração que a Unesp tem iniciativas crescentes de EaD em andamento, com destaque para a formação de professores por meio do sistema Universidade Virtual do Estado de São Paulo (UNIVESP).

4. CONCLUSÕES

A EaD como modalidade educacional já apresenta resultados para os quais cabe o destaque a alguns já amplamente divulgados e outros ainda em estudo. Primeiramente, recentes dados do Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes (ENADE)¹¹, com a avaliação de 13 cursos de graduação, mostram que os alunos na modalidade de EaD em 7 de 13 áreas conseguiram resultados superiores comparados aos alunos dos mesmos cursos presenciais. É importante destacar que nos demais cursos, a diferença de desempenho foi pequena.

Resultados como esses mostram que o momento é sem dúvida de grandes transformações, de reflexões comprometidas não com o fascínio das tecnologias, mas sim com as oportunidades que elas podem nos trazer para a melhoria do processo educacional, para ações verdadeiramente inclusivas.

¹¹ www.inep.gov.br/superior/enade

Ao se considerar uma Educação a Distância de qualidade, não se pode pensar apenas numa avaliação somativa, ou seja, numa avaliação ao final da formação, que visa verificar se o aluno atingiu ou não os objetivos do curso. Ao contrário, é necessário pensar numa avaliação que seja capaz de “levar em conta o processo em construção e não apenas o seu produto acabado, quando já não há possibilidade de interferências e da busca de alternativas àquela aprendizagem” (REZENDE¹², 2004, p. 1).

Para possibilitar a avaliação formativa nos ambientes virtuais de aprendizagem existem, atualmente, diversos recursos tecnológicos disponíveis para suporte pedagógico na EaD. Dentre estes recursos destacam-se aqueles que possibilitam realizar um acompanhamento do aprendiz como: diário de bordo, portfólio, atividades e trabalhos enviados; além das ferramentas de interação como: fórum, e-mail e *chat*.

Assim, a avaliação da aprendizagem deve estar subsidiada nos registros no ambiente realizados pelos alunos e professores, pelo material produzido, pela frequência às atividades que estabelecem efetivas interações entre todos os sujeitos envolvidos. Os registros no ambiente se caracterizam como uma oportunidade ímpar para o processo de avaliação, o que muitas vezes é renegada em cursos presenciais e atribuída a avaliações pontuais (provas) e outras atividades.

Embora seja possível encontrar significativas iniciativas de EaD de sucesso, é importante indicar que a maioria dos cursos EaD está reproduzindo ainda as abordagens tradicionais de ensino presencial, transmitindo informações e esperando que a mesma seja transformada em conhecimento pelo aprendiz, esquecendo-se de criar condições para que esta construção aconteça. Segundo Valente, isso está fazendo com que “o aluno sinta-se frustrado, sentindo-se sozinho – provavelmente algumas das causas que podem explicar a alta taxa de evasão dos cursos de EAD” (VALENTE, 2003, p. 139).

É neste sentido que se reforça a importância de usar uma abordagem interativa, reflexiva, participativa e colaborativa, na qual o professor busca e cria condições para que o aluno sinta-se preparado para trabalhar com iniciativas a distância. Além disso, com essa formação diferenciada pretende-se “resgatar a funcionalidade da emoção como condição capaz de proporcionar circunstâncias adequadas aos anseios e desejos dos aprendizes,

¹² Disponível em: <<http://www.abed.org.br/congresso2004/por/htm/091-TC-C3.htm>>. Acesso em: 29 nov.2005.

tornando esses ambientes adaptáveis ao participante e possibilitando uma boa interface de comunicação e interação” (TAVARES-SILVA, 2003), favorecendo, desta forma, a aprendizagem de forma que o educador consiga aliar a teoria com a prática em um processo reflexivo para a construção de ambientes virtuais de aprendizagem.

Assim, outra crítica freqüentemente atribuída a EaD é a afirmação de que esta modalidade não possibilita o diálogo e a afetividade entre alunos e professores. Quanto ao diálogo, a característica de explorar intensamente as capacidades de interação oportunizadas pelas tecnologias de informação e comunicação em uma EaD de qualidade, como já descrita anteriormente, permite concluir que o diálogo ocorre amplamente entre todos os sujeitos envolvidos. Caso contrário, poder-se-ia dizer que o aluno não existiria para o curso, o que é muito diferente em situações de educação presencial, nas quais tem-se um número expressivo de alunos em sala de aula sem que muitas vezes nunca tenham se manifestado. Por esta razão que é possível afirmar que muitas vezes conhece-se mais o aluno a distância do que aquele presencial, que se faz apenas de corpo presente, no entanto, não participa do diálogo que necessariamente deveria acontecer em ambientes de aprendizagem.

Quanto a afetividade, o trabalho relatado em Garcia, Schlünzen & Schlünzen (2007) mostra que é possível aflorar este sentimento em EaD, desde que garantidas as condições de interação, comunicação e trabalho colaborativo em rede entre alunos e professores. O acolhimento é sem dúvida uma das ações também necessárias em toda iniciativa de EaD. Daí a importância em se criar estratégias para o estabelecimento de relações pessoais como fundamentais para o sucesso em cursos a distância.

Para os mais céticos, independente da modalidade presencial ou a distância, talvez seja fundamental perguntar onde se verifica, de maneira geral, o diálogo e a afetividade nas salas de aula? O que diferencia os problemas da educação presencial e a distância? As respostas poderão ajudar a construir uma escola melhor, mais inclusiva e mais democrática.

Diante de todas as perspectivas apresentadas, cabe uma pesquisa profunda e imparcial, uma investigação corajosa da academia diante do que ainda é novo para ela, desconhecido para muitos educadores, que quebra paradigmas estabelecidos há muito tempo e que, de acordo com o que já foi apresentado, pode representar uma oportunidade interessante para atender as demandas de formação.

Finalmente, atribuir a EaD a prerrogativa única de possuir todos os problemas da Educação e, portanto, trata-la indiscriminadamente como Educação de baixa qualidade, é sem dúvida uma postura preconceituosa. Que prefere a crítica, sem conhecimento de causa, a um trabalho de investigação, de análise e avaliação de seus ambientes que podem ser verdadeiramente de aprendizagem e que oportunizam formas alternativas de formação profissional que, garantidas as condições e referenciais de qualidade, poderão trazer contribuições para a sociedade, muitas já verificadas nas experiências citadas neste artigo.

REFERÊNCIAS

- ALONSO, K. M. **Formação de professores em exercício, educação a distância e a consolidação de um projeto de formação: o caso da UFMT**. 2005. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005
- BELLONI, M. L. **Educação a distância**. 3.ed. Campinas: Autores Associados, 2003.
- FÉTIZON, B. A. M.; MINTO, C.A. Ensino à distância: equívocos, legislação e defesa da formação presencial. **Universidade e Sociedade**, n. 39, p. 93-105, fev. 2007.
- GARCIA, D. J.; SCHLÜNZEN, E .T. M., SCHLÜNZEN JÚNIOR, K. Afetividade e emoção: isso é possível a distância? In: VALENTE, J. A. V.; ALMEIDA, M. E. B. (Orgs.). **Formação de Educadores a Distância e Integração de Mídias**. São Paulo, SP: Editora Avercamp, p. 183-192, 2007.
- MORAN, J. M. **Avaliação do ensino superior a distância no Brasil**. Disponível em: <www.eca.usp.br/prof/moran/avaliacao.htm>. Acesso em: dez.2008.
- NEVES, C. M. C. **Referenciais de qualidade para cursos a distância**. Brasília: Ministério da Educação; Secretaria de Educação a Distância, 2003.
- PALMA FILHO, J. C. (Org.). **Pedagogia cidadã: uma nova prática na formação do educador**. São Paulo, SP: Prograd – Unesp. 2007.
- PINHO, S. Z. et al. Oficina de estudos pedagógicos: uma proposta de formação contínua para professores universitários. In: PINHO, S. Z. (Org.). **Oficinas de estudos pedagógicos: reflexões sobre a prática do ensino superior**. São Paulo, SP: Cultura Acadêmica, 2008. p. 9-27.
- PRADO, M. E. B. B.; VALENTE, J. A. Educação a distância possibilitando a formação do professor com base no ciclo da prática pedagógica. In: MORAES, M. C. (Org.), **Educação a distância: fundamentos e prática**. Campinas: Gráfica da UNICAMP, 2002.

SCHLÜNZEN, E. T. M.; SCHLÜNZEN JUNIOR, K.; TERÇARIOL, A. A. L. Fundamentos pedagógicos para a formação em serviço nos cursos de graduação do Programa Pró-Licenciatura. **Desafios da educação a distância na formação de professores**. Brasília: Secretaria de Educação a Distância - MEC, 2006.

_____. **Mudanças nas práticas pedagógicas do professor: criando um ambiente construcionista contextualizado e significativo para crianças com necessidades especiais físicas**. 240 fl. 2000. Tese (Doutorado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo 2000.

SILVA, M. **Educação online: teorias, práticas, legislação e formação corporativa**. São Paulo, SP: Loyola, 2003.

TAVARES-SILVA, T. **Mediação pedagógica nos ambientes telemáticos como recurso de expressão das interações e da construção do conhecimento**. 2003. Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2003.

VALENTE, J. A. Educação a distância no ensino superior: soluções e flexibilizações. **Interface – Comunicação, Saúde, Educação**, v.7, n.12, fev.2003. p. 139-142,

_____.; ALMEIDA, M. E. B. **Formação de educadores a distância e integração de mídias**. São Paulo, SP: Avercamp, 2007.

_____. (Org.). **O Computador na sociedade do conhecimento**. Campinas: UNICAMP/NIED, 1999.

KLAUS SCHLÜNZEN JUNIOR

Professor Livre Docente.
Faculdade de Ciências e Tecnologia/Universidade Estadual Paulista
(FCT/Unesp).
Departamento de Matemática, Estatística e Computação (DMEC).
Programa de Pós-graduação em Educação FCT/Unesp
E-mail: klaus@fct.unesp.br

Recebido em: 10/01/2009
Publicado em: 30/06/2009